



CONEDU
Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

A ESCOLA COMO ESPAÇO PARA DISCUSSÃO DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL

SILVA, Rhyrilly Pâmella Ribeiro da. Discente de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: pamella.ht@hotmail.com

DO BÚ, Emerson Araújo. Discente de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: emerson_araujodobu@hotmail.com.

ALEXANDRE, Maria Edna Silva de. Discente de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: edna_silva20@hotmail.com

ARAÚJO, Cristina Ruan Ferreira. Professora Dra Universidade Federal de Campina Grande, Orientadora. E-mail: profcrisinaruan@bol.com.br

INTRODUÇÃO

O termo gênero, no que diz respeito às relações sociais entre homens e mulheres, surge por volta da metade do século XX, este permite desconstruir as noções até então estabelecidas de sexo, pela visão biologicista, permitindo assim uma nova forma de pensar sobre as orientações sexuais, e como cada sujeito percebe-se. As noções de sexo/sexualidade variam conforme a cultura, época e sociedade, partindo assim, de uma construção sócio-histórica, em que procura-se definir papéis de gênero, circunscrevendo o lugar do homem e da mulher, marginalizando os sujeitos que destoam dessa norma (GALINKIN e ISMAEL, 2011).

Mesmo o cenário escolar podendo possibilitar discussões profícuas acerca da diversidade sexual, nota-se que na maioria das vezes isto não ocorre, e quando acontece, limita-se a reprodução de tabus e preconceitos diante daqueles que transgridem o padrão heteronormativo ao vivenciar sua sexualidade.

Considerando este panorama, o presente estudo tem como objetivo apresentar e discutir de forma crítica e reflexiva uma revisão teórica acerca do gênero, da orientação sexual e da escola, evidenciando concepções e impasses para a discussão dessa temática no âmbito escolar. Consoante, o presente estudo mostra-se relevante, por fornecer um panorama geral sobre



estudos brasileiros que envolvem esta temática, fornecendo elementos para fomentar novas discussões e práticas profissionais.

MÉTODO:

Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória, realizada a partir de uma revisão integrativa da literatura nas principais bases de dados, a saber: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e IndexPsi. Utilizou-se como descritores os termos “gênero and escola” e “orientação sexual and escola”. Destarte, foram considerados os seguintes critérios de refinamento: artigos publicados em português, exclusão de textos coincidentes, que não disponibilizassem o conteúdo completo e que não fizessem referência direta ao tema. Foram utilizados 7 artigos. Aponta-se também que foram utilizados livros que abordam a importância da educação sexual nas escolas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Segundo Galinkin e Ismael (2011, apud SCOTT, 1995, gênero é uma construção analítica utilizada para explicar as relações sociais entre pessoas de sexos distintos e de diferentes orientações sexuais, além de possuir uma variedade de significados atribuídos a essas diferenças, que poderão variar conforme cada sociedade e época.

Destarte Reis e Santos (2011), afirmam que encontram-se ainda nos dias atuais, século XXI, discursos que partem dos adolescentes em relação à discussão de gênero, como uma redução ao sexo biológico, além de uma delimitação de papéis sociais que devem ser exercidos, tanto por homens como por mulheres. Os homens podem viver sua virilidade, já as meninas necessitam se resguardar e tomar certos “cuidados”, como não manter relações sexuais precocemente, não usar roupas tão curtas e prevenir uma gravidez indesejada. Ela ressalta ainda, que a escolaridade está ligada a gravidez precoce, uma vez que, quanto menor a escolaridade, menor o grau de instrução.



Percebe-se assim, que mesmo a sociedade encontrando-se em uma época dita “avançada”, principalmente em relação ao meio tecnológico, as mentalidades permanecem arraigadas de significados e simbolizações de épocas passadas. Consoante, observa-se que na contemporaneidade ainda vigoram noções acerca dos papéis de gênero a serem desempenhados por homens e mulheres, negando assim, outras formas de ser e estar no mundo e, por conseguinte, conceber o gênero e a sexualidade.

Diante do ambiente escolar, encontram-se diversos contextos, dentre eles: tem-se o recreio escolar, nesse, percebe-se também uma diferenciação de gênero, em que as brincadeiras costumam ser separadas por grupos de meninos e meninas. E quando há uma fuga da norma, por exemplo: o menino que participa de atividades típicas das meninas, logo, é visto/taxado como “bicha”, já em relação à menina que brinca de futebol com os meninos, os insultos são mais sutis. Ou seja, os corpos no ambiente escolar são disciplinados cotidianamente, constituindo-se assim as diferenciações de gênero e espaço que o outro “deve colocar-se”, isto é, limitar suas possibilidades existenciais. Neste cenário, identifica-se também, o reforço da heterossexualidade como modelo hegemônico a ser exercido. (WENETZ, 2012).

Outra problemática recorrente frente aquele que é visto como diferente consiste, por exemplo: alunos travestis que, possuem uma exclusão muito evidente, principalmente no que diz respeito à utilização do banheiro, caindo-se assim no binarismo, banheiro de meninos ou de meninas? Sendo encontrada a solução geralmente por parte de uma diferenciação, a utilização do banheiro da diretoria, professores ou funcionários. Apreende-se assim, a falta de diálogo acerca da diversidade de gênero no contexto escolar (CRUZ, 2011).

Os professores no ambiente escolar apresentam-se como figuras fundamentais, todavia, segundo Maia et al. (2011), os professores apreendem os alunos em relação à diferenciação de gênero, resumindo-os as atitudes que são desempenhadas, as meninas são vistas como bondosas, carinhosas e futuras mães, ao passo que os meninos são percebidos como impacientes e



não possuidores de carinho. Ressalta-se que, para os professores, esses não influenciariam de forma alguma, o desenvolvimento de gênero dos sujeitos, pois ambos os alunos são tratados igualmente e a sexualidade dos mesmos perpassaria o ambiente familiar. Ignoram assim, a escola como instituição formadora de sujeitos.

Uma possibilidade de modificação dessa percepção por parte de alguns educadores, destaca-se a possibilidade de trabalhar questões de gênero e sexualidade no espaço escolar, partindo do artifício do teatro, possibilitando-se assim, a construção e desconstrução de padrões de comportamentos e valores sociais (MARTINS, 2011).

Além de uma produção teatral no ambiente escolar como forma de reflexão acerca da temática, Werebe (1998), demonstra a importância de trabalhar a educação sexual nas escolas, uma vez que esta possibilita aos professores expressarem e falarem um pouco mais acerca de sua própria sexualidade, através de seus relatos e de suas experiências.

Tem-se assim, que este tipo de ação proporciona uma discussão em sala de aula de forma mais fluida, propiciando os debates que envolvam questões que dizem respeito à sexualidade, propiciando uma maior liberdade para tratar do assunto, permitindo que os alunos sintam-se mais confortáveis para falar, expressar-se e tirar dúvidas sobre o tema.

Fonseca et al. (2010), afirmam que a discussão sobre orientação no meio familiar ainda é muito restrita, visto que a vergonha predomina, tanto por parte dos pais como dos filhos. Sendo assim, em virtude dos tabus vivenciados no contexto familiar, os alunos apoiam-se na escola como espaço propício para discutir questões relativas à orientação sexual, uma vez que esta possibilita discussões acerca do gênero e sexualidade, permitindo assim um diálogo fluido diante da temática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Diante do exposto, percebe-se que na literatura estudada, as questões de gênero são reduzidas aos papéis que devem ser desempenhados por meninos e meninas, e aqueles que fogem dessa norma, são apontados como desviantes, sendo, por conseguinte, marginalizados.

Os professores, na maioria das vezes, não sabem como trabalhar as questões de gênero. Assim, acabam por reduzir a discussão às suas noções estabelecidas pela religião, valores, cultura e simbolismos que não consideram a diversidade de gênero.

No que tange a premência da orientação sexual nas escolas, percebe-se que esta possibilita uma discussão mais fluida acerca da temática. Em linhas gerais, a orientação sexual nas escolas representa para os alunos um espaço muito importante, uma vez que, geralmente não falam com os pais sobre suas dúvidas e incertezas.

REFERÊNCIAS:

- AVILA, A. H.; TONELI, M. J. e ANDALÓ, C. S. A. Professores/as diante da sexualidade-gênero no cotidiano escolar. **Psicol. Estud.** Maringá, n. 2, v.16, apr-jun, 2011.
- CRUZ, E. F. Banheiros, travestis, relações de gênero e diferenças no cotidiano da escola. **Rev. Psicol.** São Paulo. Polít. n.21, v.11, jun. 2011.
- FONSECA, A. D.; GOMES, V. L. O.; TEIXEIRA, K. C. Percepção de adolescentes sobre uma ação educativa em orientação sexual realizada por acadêmicos(as) de enfermagem. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.** n.14, v.2, abr-jun, 2010.
- MAIA, A. C. B.; NAVARRO, C.; MAIA, A. F. Relações entre gênero e escola no discurso de professoras do ensino fundamental. **Psicol. Educ.** São Paulo. n.32, 2011.
- MARTINS, G. S. L. Abordagem sobre as configurações de gênero no contexto educacional. **Revista de Psicologia da UNESP.** n.10, v.2, 2011.
- REIS, B. C. e SANTOS, N. R. Relações desiguais de gênero no discurso de adolescentes. *Ciência e saúde coletiva.* Rio de Janeiro. n.1º, v.16.out. 2011.
- WENETZ, I. Gênero, corpo e sexualidade: negociações nas brincadeiras do pátio escolar. **Cad. CEDES.** Campinas. n.87, v.32, maio-ago. 2012.
- WEREBE, Maria José Garcia. **Sexualidade, política e educação.** São Paulo: Autores Associados, 1998, 219 p.
-